

**GUIA DO
BOM VAMPIRO
PARA
SANGUE &
NAMORADOS**

ANOS

ANOSTRA

GUIA DO BOM VAMPIRO

**PARA
SANGUE &
NAMORADOS**



JAMIE D'AMATO

Tradução de Andresa Branco



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2026

O Guia do Bom Vampiro para Sangue e Namorados

Copyright © 2026 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2025 JAMIE D'AMATO

ISBN: 978-85-508-2824-4

Translated from original The Good Vampire's Guide to Blood and Boyfriends. Copyright © 2025 by Jamie D'Amato. ISBN 9781250321206. Published by agreement with Folio Literary Management, LLC and Agência Literária Riff Ltda. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D11lg

1.ed. D'Amato, Jamie.

Guia do bom vampiro para sangue & namorados / Jamie D'Amato; - 1. ed. - Rio de Janeiro: Alta Novel, 2026.
388 p.; il.; 14 x 21 cm.

Título original: The Good Vampire's Guide to Blood and Boyfriends
ISBN 978-85-508-2824-4

1. Ficção americana. 2. Romance sobrenatural. 3. Vampiros - Ficção. 4. Amor - Ficção. I. Título.

CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção americana: Juvenil 813.6

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Coordenadora Editorial: Illysbelle Trajano

Vendas Governamentais: Cristiane Mutus

Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Tradução: Andresa Branco

Copidesque: Nathalia Marques

Revisão: Denise Himpel

Capa/Diagramação: Vidal Editorial



Rua Viúva Cláudia, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



SUMÁRIO

1. Funerais para Esquilos	3
2. O Pacto de Sangue	20
3. Noite de The Bachelorette	30
4. Orientação	48
5. Raivominto	63
6. Vale Tudo no Waffle Den	73
7. Uma História de Amor Melhor que Crepúsculo	87
8. Jesus Vampiro	110
9. Liga de Laser Tag de Vampiros	124
10. As Coisas que Queremos	141
11. Uma Coisa Fácil	147
12. 22	160
13. De Braçada	172
14. Criaturas da Noite	191
15. Confissões de um Vampiro	203
16. Vamos Juntos	218

17. Delicado	237
18. Distância	255
19. A Calmaria	276
20. A Tempestade	292
21. O Silêncio	307
22. Sozinho de Novo, Naturalmente	314
23. Como Conquistar o Garoto	326
24. A Nova Equipe	338
25. A Festa do Século	353
26. Quando Falamos Sobre Para Sempre	367
Agradecimentos	376
Querido leitor,	378
Perguntas para discussão	380

Para os jovens gays tristes.

ALERTA DE CONTEÚDO

Este romance contém referências não explícitas a uma tentativa de suicídio no passado, morte não explícita de um pequeno animal causada por um vampiro e descrições de ataques de pânico.

1



FUNERAIS PARA ESQUILOS

Diário de Brennan

Para fins de plausível negação, tudo contido neste diário é hipotético, teórico e/ou fictício. Isso mesmo.

Perguntas: Quem me transformou? Sangue... Animal? Humano? Quanto? Com que frequência? Comida normal também? Outros vampiros? Outros seres sobrenaturais??? Noturno? Dorme? Alho? Luz do sol? Prata? Água benta? Brilha????? IMORTALIDADE???????



Brennan Brooks levou quarenta e oito horas, seis cafés e aproximadamente oito mil páginas de leitura para chegar à conclusão de que existiam livros

demais sobre vampiros — e nenhum deles vinha com um manual de instruções.

No canto mais distante do terceiro andar da Biblioteca Folz, na área de “estudo silencioso”, Brennan estava sentado no carpete, no corredor de folclore e mitologia, bem no meio de um tornado de livros empilhados em torres. Vestia uma camisa de flanela sobre uma camiseta velha de banda e, no momento, estava testando se vampiros precisavam dormir ou tomar banho, fazendo o quê? Isso mesmo — nem dormindo, nem tomando banho. Os sinais apontavam para não precisar dormir e precisar desesperadamente de um banho, mas seriam necessárias mais observações.

Na experiência de Brennan, não havia problema para o qual os livros não trouxessem respostas. Infelizmente, ser transformado em vampiro por acidente — um acidente do qual ele não se lembrava muito bem — não tinha seu próprio manual da série “para leigos”.

Mas Brennan não tinha dificuldade em se afundar num nevoeiro de pesquisa, perdido em um livro sobre vampirismo na Sérvia e na Bulgária, fascinante, mas, no fim das contas, inútil. Sua garganta ardia com uma sede persistente, a cabeça latejava e cada som e cheiro era como uma onda gigante. O ronco suave de alguma pobre alma já atrasada nos trabalhos do semestre soava como uma motosserra, o rangido rítmico de um carrinho de biblioteca era como um alarme estridente. Um par de passos se aproximou e parou.

Uma sombra escureceu o texto, e Brennan semicerrou os olhos, piscando para afastar a estranheza de ser trazido tão bruscamente de volta à realidade.

— Se não se importa com a observação — disse uma voz melódica de sotaque sulista, leve e divertida —, acho que você está deixando passar alguns textos essenciais do gênero.

Parado no fim do corredor com um carrinho de biblioteca, um cara arqueou a sobrancelha. Brennan processou o que ele provavelmente estava vendo: a bagunça de livros nada sutis nos títulos — *The Vampyre*, *Vampires and Vampirism*, *Les Vampires*, *The Legend & Romance of the Vampire* e uma dúzia de outros com as palavras vampiro, sangue, monstros e afins. Brennan cobriu sem muito empenho o livro que lia com o braço e pestanejou para as luzes fluorescentes.

— Há... como é? — balbuciou Brennan.

— Vampiros, né?

O garoto tinha cabelos castanhos encaracolados, pele clara um pouco mais bronzada que a palidez fantasmagórica de Brennan, traços delicados interrompidos por sobranceiras grossas. Sorriu de um jeito encorajador — e havia algo de familiar ali. Brennan não conseguiu identificar de onde. Talvez tivessem tido alguma aula juntos ou se cruzado pelo campus. Ele parecia uma versão de Timothée Chalamet com um rosto menos "socável". Talvez fosse isso?

Brennan semicerrou os olhos para o cara.

— Tem recomendações? — Sua voz estava rouca, a boca seca. A sede voltava. Ele pigarreou.

O sorriso do garoto se manteve, mas ganhou um ar astuto.

— Parece que está faltando uma boa dose de romances adolescentes duvidosos aí na sua pilha. Nada de *Crepúsculo*? Ou já leu?

Brennan murchou e se conteve para não revirar os olhos.

— Não, não li. Acho que isso não vai ajudar muito neste projeto específico. Mas valeu. — Voltou a atenção para a sua pilha de destruição.

Ele quis que soasse como um ponto final na conversa, mas o garoto deixou o carrinho no fim do corredor e cruzou o caminho até Brennan, parando entre ele e as pilhas de livros. Vestia uma camiseta *ringer* com o logo de uma cafeteria artesanal, e o aroma amargo e levemente amanteigado de café espresso ainda o envolvia. Tinha um AirPods pendendo de uma orelha, zumbindo com alguma música indie que Brennan conseguia ouvir, mas não reconhecer. Ele cheirava bem demais para ser algo normal — o que significava que Brennan estava *mesmo* com muita sede.

— Qual é, cadê *Diários de um Vampiro*? *Academia de Vampiros*? *House of Night*? — continuou, e, diante do olhar cada vez mais vazio de Brennan, acrescentou... — Ou pelo menos *Entrevista com o Vampiro*?

— Tá, eu *já* li Anne Rice — defendeu Brennan. — Mas não acho que triângulos amorosos com lobisomens sem camisa vão me ajudar agora.

— Tudo bem, se não for pela pesquisa, leia pela experiência.

— Vou pensar no caso — disse Brennan, sem se preocupar em esconder o divertimento.

Ele observou novamente os cachos castanhos, as sardas, e aquela sensação de que já tinha visto o garoto antes, ou até mesmo falado com ele, persistia. A lembrança pairava ali, quase ao alcance, mas escapava como um sonho que se dissolve quando o despertador toca.

Assim que Brennan intensificou o olhar, o garoto endireitou a postura e deu um passo para trás, um tom rosado surgindo nas bochechas.

— Meu Deus, você aqui tentando trabalhar e eu tagarelando sobre *Crepúsculo* e te atrapalhando.

— Não, tudo bem — disse Brennan, antes de fechar a boca com um estalo audível.

Na verdade, ele não deveria estar incentivando esse tipo de... distração. Tinha trabalho a fazer, perguntas a responder, e um garoto (admitidamente fofo) falando sobre *Crepúsculo* não ajudaria em nada. Não, não, de jeito nenhum.

Enquanto Brennan pensava em como pedir educadamente para o garoto deixá-lo em paz até que descobrisse se corria o risco de perder o controle e matar alguém, o som rítmico de saltos altos se aproximou.

Uma garota de saia lápis, salto alto, brincos enormes e cabelo azul parou e se inclinou para espiar por entre as estantes.

— Cole, temos um calouro com saudade de casa na sala 202B e eu definitivamente não tenho o jeito que você tem pra lidar com essas coisas — disse ela.

O garoto — Cole, embora o nome não respondesse à incômoda sensação de familiaridade — endireitou-se, girou energicamente, como se Brennan nunca tivesse existido, e deu total atenção à garota.

— Pode deixar, eu resolvo. Coloca a chaleira no fogo? Eu desço em um minuto.

A garota assentiu, aliviada, e voltou pelo mesmo caminho.

E foi então que Brennan percebeu por que Cole lhe parecia tão incrivelmente familiar.

— Você é o Cara do Cobertor da Biblioteca! — disse Brennan. E imediatamente quis afundar no chão e deixar a terra reclamá-lo de volta.

Cole fez uma careta e, em seguida, forçou um sorriso educado.

— Acho que, tecnicamente, o adjetivo usado na página de memes da Sturbridge é fofo, mas... é, sou eu mesmo.

Brennan estava mortificado, mas o calor não surgiu nas suas bochechas como aconteceria normalmente. Será que ele ainda corava? A caneta ainda estava em sua mão, o caderno no colo. Anotou a pergunta.

Os olhos de Cole — castanhos, reparou Brennan — alternaram entre ele e o caderno. Os lábios se comprimiram para dentro. Ele alisou a camiseta, e o cheiro de café torrado voltou a envolver Brennan.

— Desculpa — disse Brennan. — Eu me distraio fácil. É que... — Fez uma pausa, incerto. — A gente conversou uma vez. Eu sabia que te reconhecia de algum lugar. Faz tempo, não sei se você sequer...

— Eu lembro — disse Cole. Reuniu os livros que havia separado e os apoiou contra o quadril. — Claro que lembro. Mas, olha, vou deixar você voltar ao que estava fazendo. O dever de cobertor me chama.

E, tão rápido quanto o tirara da mitologia sérvia, Cole o deixou ali.

Brennan permaneceu mais um tempo em seu canto entre as estantes, tentando mergulhar de volta no folclore búlgaro, mas acabou perdendo a atenção, lendo a mesma frase várias vezes.

Porque Cole tinha dito que *lembrava*, num tom de *é claro*, como se passasse as noites contando aos amigos sobre o esquisitão daquela vez na biblioteca. Agora Brennan jamais conseguiria voltar ali. Ia acabar definhando na frente do computador no quarto, morrendo como viveu: sozinho e envergonhado.

Brennan fechou o livro, interrompendo *aquele* fluxo de pensamentos.

A dra. Morris chamaria isso de catastrofização. Cole provavelmente não pensava naquela noite nem de longe com a intensidade com que Brennan estava pensando agora.

Na verdade, tinha sido uma coisa pequena.

Foi no semestre passado, pouco antes de tudo acontecer em março e Brennan abandonar as aulas para se dedicar à terapia. Ele estava na biblioteca, como de costume, e deprimido, também como de costume. Enterrado no dever de casa — um trabalho enorme para a disciplina de História do Capitalismo. Não era exatamente um tema *relaxante*. Estava se deixando levar por uma fúria crescente, digitando com raiva, movido por indignação e, como hoje conseguia reconhecer, por seus profundos problemas de regulação

emocional. Depois de meses de terapia, percebia que, na época, estava se recusando a processar os próprios sentimentos — mas, naquele momento, achava apenas que estava energizado pelas atrocidades do capitalismo tardio.

Então, quando alguém se apoiou de lado na mesa em que ele trabalhava e disse:

— Não sei você, mas digitar com essa raiva toda geralmente significa que você precisa de uma pausa, um lanche, uma soneca... ou alguma combinação dos três.

Brennan mal se afastou do ensaio antes de explodir em lágrimas como uma represa se rompendo.

Cole ainda não era “Cole”, apenas o Cara Fofa do Cobertor da Biblioteca — uma pequena celebridade do campus graças ao grupo de memes da universidade no Facebook, famoso por ajudar estudantes aleatórios em crise oferecendo cobertores, bichos de pelúcia, brinquedos antiestresse e bebidas quentes. Era auxiliar na biblioteca, mas já tinha virado quase uma lenda urbana do campus.

Ele lidou com o pequeno colapso de Brennan com total naturalidade, levando-o até um depósito que havia sido adaptado o melhor possível em um armário de biblioteca: além das caixas de papel e de material de escritório que cercavam o espaço, havia um tapete felpudo no chão, algumas poltronas ovais e aconchegantes roubadas do salão de estudos do andar de baixo e um caixote servindo de mesa, onde ficava uma chaleira elétrica.

— Como é, você simplesmente tem isso aqui atrás? — perguntou Brennan.

O Cara Fofa do Cobertor abriu uma lata de uma das prateleiras e disse:

— Chá ou chocolate quente?

A lata estava cheia de saquinhos de chá e misturas para bebidas, e o garoto revirava o conteúdo com atenção.

— Café? — sugeriu Brennan.

— Agora você falou minha língua — respondeu Cole, e Brennan se lembrava nitidamente do sorriso cúmplice que ele abriu naquele momento. Sério, se não fosse pelo sotaque sulista, Brennan não conseguia acreditar que não o tivesse reconhecido logo de cara por causa daquele sorriso.

Mas, depois de lhe oferecer um cobertor e uma caneca de café instantâneo vagabundo, Brennan simplesmente... colocou tudo pra fora. Vomitou

palavras sobre como a faculdade não era nada do que ele esperava, como não tinha amigos e também como, pelo amor de Deus, o que é que a gente vai fazer a respeito da desigualdade salarial se o congresso enrola há mais de uma década para aprovar um salário mínimo de quinze dólares — e se isso sequer *importa*, já que todos somos poeira no universo e vamos morrer de qualquer jeito?

Ele tinha ficado tão envergonhado com o desabafo que disse a maior parte daquilo com o rosto enterrado nas mãos, se protegendo do mundo. Não queria ser visto, e Cole, com respeito, fazia perguntas quando cabia, concordava quando podia e simplesmente... ouvia. A caneca dele dizia *Meu fim de semana está reservado*, com a ilustração de pilhas de livros, e suas mãos a envolviam com delicadeza.

Cole ouvia, assentia e tomava goles do café enquanto Brennan falava, também bebendo o seu e evitando ao máximo o contato visual. Depois do discurso inflamado, recuperou o fôlego e percebeu que Cole não tinha precisado dizer nada — e ele já se sentia melhor.

— Nossa, preciso voltar pra terapia — concluiu Brennan.

Cole soltou uma risadinha e logo cobriu a boca com a mão em desculpa.

— Talvez precise mesmo — disse ele, e Brennan ainda só ousava lançar olhares rápidos e constrangidos, mas conseguiu ouvir o sorriso na voz dele. — De qualquer forma, se algum dia precisar de um lugar pra dar um descanso nessa sua cabeça, este espaço costuma estar livre. Se estiver trancado, é só me procurar, eu... — Ele pigarreou. — Eu tô por aí.

E foi aí que a ansiedade de Brennan assumiu o controle, porque aquele cara *trabalhava ali* e tinha coisas mais importantes pra fazer do que ouvir Brennan reclamar dos seus problemas de garoto branco de primeiro mundo. Ele se levantou num pulo, pousando a caneca no caixote como se queimasse.

— Certo, muito generoso da sua parte, obrigado — disparou Brennan. — Eu venho muito aqui, com certeza a gente se vê. Mas preciso ir.

E foi!

Foi só isso, na verdade. Um encontro unilateral que Brennan jamais, em hipótese alguma, postaria em qualquer grupo do Facebook.

Então por que diabos ele se sentia tão mal com isso? Uma sensação de pavor pesava em seu estômago, como um Titanic vazando ansiedade.

Trazendo-se de volta para o presente, Brennan fechou o notebook e começou a enfiar as anotações e o computador na mochila. A biblioteca agora estava tão vazia quanto naquela noite, mas, desta vez, havia sons vindo do andar de baixo — vozes, risadas, o tec-tec de teclados.

Ele colocou a mochila no ombro e seguiu em direção à saída, atravessando o segundo andar, contornando um estudante que dormia em cima de um projeto de arte, descendo as escadas e chegando à área principal.

Um rápido olhar bastou para ver que não estava cheio, e ele avistou Cole conversando com uma garota enrolada como um burrito em um cobertor, literalmente chorando no ombro dele.

— Tipo... ela me odeia tanto assim? Por que mais ela iria simplesmente sumir no dia seguinte depois de se mudar? — dizia a garota.

Brennan hesitou na porta, lembrando-se das normas sociais que diziam para não escutar conversa alheia. Como sempre, a curiosidade venceu.

— Bom, você contou para o seu monitor? — perguntou Cole.

— Ela disse que não era nada — respondeu a garota. — Mas já faz dias. E se aconteceu alguma coisa?

Brennan congelou. Uma garota desaparecida, no dia seguinte à mudança. Também conhecido como o dia em que Brennan foi transformado em vampiro em um acidente de carro do qual não se lembrava direito.

Respirando fundo, tentou afastar a névoa que tomava sua mente quando passava tempo demais sem beliscar algum pobre esquilo. Estava tão sedento que a garganta ardia como se tivesse uma irritação, o que já estava ficando, para ser franco, insuportável. Até agora, só tinha conquistado novos níveis de sede e ansiedade.

Como se sentisse o olhar de Brennan, Cole ergueu os olhos e o avistou. Inclinou levemente a cabeça — e Brennan fez o que sabia fazer de melhor: correu.



Diário de Brennan

Mais sede = sentidos enlouquecem? Todo mundo cheira como se fosse um maldito smoothie.

Desabafo: Quantas malditas criaturas da floresta eu vou ter que matar pra parar de sentir tanta sede, caralho?

Nada parece ajudar. A dor fica mais fraca por um tempo, mas não passa.

Tenho uma hipótese, mas vou considerar outras opções antes de ter uma crise existencial por algo que talvez nem seja o caso.

Merda.

Substitutos? Café — milagrosamente, ajuda temporariamente

Para testar: Água de coco? Suplementos de ferro?



O campus de Sturbridge era cheio de espaços abertos e áreas verdes, com muitas árvores frondosas e caminhos sinuosos, e foi em parte por isso que Brennan o escolheu: tinha um charme de livro de histórias pelo qual ele se encantou. Mas, dois anos depois, ainda não sentia que fazia parte dessa história — apenas um visitante, um personagem secundário. Era um cenário lindo no qual ele não se encaixava.

Mas adorava correr pelas florestas densas que cercavam o campus, com caminhos sinuosos e subidas íngremes. No começo do ensino médio, quando Brennan teve suas primeiras experiências de insônia causada por crises existenciais e não conseguia dormir, sem ter nada melhor para fazer, começou a correr. Ajudava, na maior parte das vezes. Imaginava que devia haver alguma verdade naquilo que dizem sobre endorfina, porque, se corresse o suficiente,

todos os problemas opressivos do mundo pareciam se dispersar. Pelo menos por um tempinho.

Mas aquilo? Aquilo mal podia ser chamado de corrida — ele estava *voando*.

Tudo era mais rápido e nítido, cada passo o lançava mais longe, e cada movimento era firme e instintivo, mesmo enquanto se movia a uma velocidade que sabia que nunca tinha alcançado antes. Que talvez nenhum humano tivesse alcançado antes.

Quão rápido consigo correr? Outra pergunta para o diário. *Quão rápido um humano consegue correr? Uma pessoa comum? Um atleta olímpico?*

Quando já estava longe o bastante do campus para não topar com outra pessoa correndo, derrapou até parar. Captou o som de algo se movendo rápido por uma árvore, um borrão em movimento. O instinto assumiu o controle, tão natural quanto respirar, e ele se atirou contra o esquilo, começando a morder e...

Olha só — Brennan costumava tirar aranhas do apartamento para soltá-las do lado de fora, porque não queria matá-las. Ele era vegetariano. Dois dias atrás, se alguém tivesse perguntado *Você não atacaria um esquilo selvagem, certo?* Ele teria respondido com toda a confiança do mundo. Mas a vida era cheia de surpresas.

Foi um alívio doce, seguido por uma onda rápida de vergonha profunda, um tipo de clareza pós-orgasmo elevada, em que, depois, ele se via tendo que lidar com a bagunça que tinha feito. Exceto que, nesse caso, a bagunça era o corpo sem vida de um esquilo.

Brennan fez o mesmo que tinha feito com os dois esquilos e o coelho de que se alimentara nos últimos dois dias: ajoelhou-se e começou a cavar. Parecia o mínimo que podia fazer.

Acomodou o pequeno corpo inerte do esquilo na cova, empurrando terra solta por cima até enterrá-lo. Por via das dúvidas, colheu algumas flores silvestres do mato e as colocou sobre o pedaço de solo revirado.

— Sinto muito — repetiu. Levantou-se, batendo a terra das mãos e dos joelhos.

Seguiu adiante. Não tinha percebido, mas seus pés o estavam levando para a ponte na qual prometera à mãe e a duas terapeutas que não voltaria.

De má vontade, admitiria que elas tinham razão — afinal, foi ali que ele fora atropelado e transformado em vampiro —, mas explicar isso para a dra. Morris provavelmente o colocaria de volta na ala psiquiátrica.

A visão — a pequena ponte de pedra arqueada sobre um córrego estreito e borbulhante, o caminho que levava a um beco sem saída tomado por vegetação densa — costumava trazer conforto. Era o seu lugar, longe o bastante do campus e fundo o bastante na mata para poder ficar sozinho, pensar, se afastar de tudo.

Mas então tudo aconteceu em março e, agora, ela se erguia sombria e ameaçadora.

A estreita trilha de terra se alargava à frente, e o som da água correndo ficava mais forte. Seguir pelo caminho mais largo levava até a estrada, embora ela mal fosse larga o suficiente para um carro. Lá, se soubesse onde procurar, escondida por um grupo de bordos, estava a ponte.

Brennan refez mentalmente os passos daquela noite. Ele também estava indo até a ponte naquela ocasião.

Foi diminuindo o passo até parar.

Porque agora, ao sair para a clareira, viu um carro estacionado bem antes da pequena ponte de pedra — e uma cabeça de cabelos escuros se movendo na mesma área que Brennan lembrava tão vividamente. A caminhonete também — uma picape azul, enferrujada e castigada até quase não aguentar mais. O reconhecimento veio como um estalo, e Brennan soube que aquele era o carro que o atropelara.

Instintivamente, abaixou-se para se esconder. Pouquíssimos ciclistas ou caminhantes iam até lá. Essa era parte da antiga atração do lugar, quando Brennan queria ficar sozinho. Em todos os anos desde que descobrira aquele canto, nunca tinha encontrado outra pessoa.

Até agora. E ela estava pairando sobre o ponto onde Brennan tinha quase certeza de que morrera dois dias antes.

A pessoa tinha porte pequeno, feminino, cabelos longos e castanhos, e estava inclinada como se procurasse algo no chão.

Brennan estava planejando como poderia se mover para observá-la sem ser visto quando sentiu uma vibração no bolso.

— *BACKSTREET'S BACK, ALRIGHT!*

Brennan deu um pulo, e a garota se sobressaltou, enquanto o celular dele vibrava com força. Ele tentou se jogar para sair de vista, mas tarde demais — a cabeça dela se virou para o som, e ela olhou diretamente para ele. Tinha o rosto arredondado, pele muito clara, e Brennan gravou aquela imagem na mente, enquanto os Backstreet Boys arruinavam sua única pista sobre o que estava acontecendo com ele.

Num piscar de olhos, a garota correu até o carro. O motor deu partida, e Brennan se ergueu um pouco do seu esconderijo precário para espiar a picafe rugindo ao se afastar.

Reprimiu um palavrão enquanto o veículo desaparecia pela estrada e girou a cabeça para se certificar de que, agora, estava realmente sozinho. A vibração e o barulho no bolso cessaram.

A poucos metros dali, havia uma mancha escura e turva que Brennan sabia ser sangue. Sabia porque podia sentir o cheiro. Sabia porque era o seu sangue, da outra noite. Ficava exatamente no ponto do impacto, exatamente onde estivera em pé.

Havia marcas de derrapagem de pneus. Brennan quase podia ouvir o guincho, o ronco do motor.

— *BACKSTREET'S BACK, ALRIGHT!*

Brennan se atrapalhou para pegar o celular. A única pessoa que costumava ligar para ele era a mãe, que tinha um Trabalho Muito Importante que a mantinha Muito Ocupada — e que certamente chamaria a segurança do campus se ele ignorasse mais de uma ligação dela, especialmente depois de tudo o que tinha acontecido em março.

A foto da mãe no identificador de chamadas fez seu estômago se revirar num misto de ansiedade e culpa. Em vez de processar aquilo, atendeu.

— Oi, eu tenho aula — disse Brennan, o que não era mentira. Ele devia estar na aula havia dez minutos, não fosse pela fuga da biblioteca.

— Ah, não se preocupe, eu também só tenho uns minutinhos. Tenho uma reunião com um figurão de Harvard sobre minha palestra para a conferência ambiental e, claro, justo hoje a cafeteria ficou sem aqueles copos reciclados bons e está usando plástico.

— Uau, isso sim é Lei de Murphy — ironizou Brennan.

— Está mesmo sendo um dia daqueles — concordou a mãe, sem perceber que o sarcasmo dele tinha passado tão longe que já estava interceptando um voo para o aeroporto de Boston Logan. E acrescentou, quase como um pequeno detalhe: — Como você está? Como é que faço para colocar em vídeo mesmo? Quero ver o seu rosto.

Ah, sim. Essa era Meredith Brooks, a mãe de Brennan. Acadêmica e ativista de peso, correndo por aí falando sobre o aumento do nível dos oceanos e o uso único de plásticos, tentando salvar o planeta. Essa parte era incrível. Sempre ocupada, sempre entre reuniões ou aulas, cientista ambiental primeiro, mãe depois. Essa parte já era menos incrível.

Brennan fez uma careta e conferiu o reflexo no celular para ter certeza de que não havia nenhum vestígio de sangue no rosto. Não era exatamente algo que ele imaginava precisar verificar antes de fazer uma chamada de vídeo com a própria mãe.

Levou quase um minuto inteiro para a mãe conseguir ligar a própria câmera e, então, as duas imagens apareceram sobrepostas: a dela, com o cabelo loiro impecavelmente preso em um rabo de cavalo, pele bronzada, corpo forte, energia natural. Não era à toa que ela se saía tão bem no meio ambiental. Tudo nela era impecável.

E então havia Brennan. Com o cabelo mal descolorido, pele pálida e olheiras profundas. Parecia a versão zumbificada e deprimida de um ser humano — o que era assustadoramente preciso, considerando seu estado possivelmente não-vivo.

— Ah, que bom — disse ela, e fez uma pausa, observando Brennan. Depois: — Você precisa cortar o cabelo.

Ele *realmente* precisava. Mas será que o cabelo ainda crescia? Mais uma pergunta para o diário, não tão urgente quanto algumas outras.

— É... em breve, sim, é que ainda estou me acostumando com o semestre.

— Nem me fale — respondeu a mãe, e Brennan se preparou para o monólogo. — O Kirigan empurrou todos os cursos de calouros pra mim, e ainda foi super condescendente a respeito. Mas, no fim das contas, eu gosto bastante das turmas mais novas, de ajudar a construir aquela base...

Brennan se desligou, preferindo se concentrar no som do vento agitando as árvores. A mãe havia finalmente aceitado um cargo de professora titular

alguns meses depois que ele começou a faculdade. Agora estava totalmente estabelecida e prosperando, embora ainda fosse relativamente nova no posto. Ele sentia orgulho dela, claro, mas não podia evitar um leve ressentimento: passara a vida inteira mudando de lugar porque ela não queria se estabelecer e, assim que ele saiu de casa, ela resolveu fixar raízes.

As pessoas diziam para Brennan que era preciso ser muito especial para conseguir um mestrado e dois doutorados sendo mãe solo. Brennan discordava, eram necessários dois tipos de pessoas especiais. O primeiro: uma mãe autocrática, inteligente nos livros. O segundo: um filho excessivamente autossuficiente, condenado a crescer com problemas de apego.

— ...eu realmente só estou tentando levar um dia de cada vez — concluiu ela. Brennan murmurou algo afirmativo para fingir que estava ouvindo, o que não era o caso. — Mas, enfim, você está acompanhando as aulas? Adiantando as leituras?

— Claro — disse Brennan. Ele havia começado a ler os capítulos assim que os livros ficaram disponíveis, mas nem mesmo essa vantagem inicial lhe daria muito tempo com tudo o que estava acontecendo.

— E como você está?

Ele detestava essa pergunta vinda dela. Sempre era feita com o tom de quem está apenas marcando um item na lista de afazeres.

— Estou bem — desconversou Brennan.

A mãe o examinou pela tela, o rosto tão perto da câmera que ele não conseguia ver nada ao redor. Ela tinha dois doutorados, mas não sabia segurar o celular de um jeito que não o obrigasse a encarar diretamente suas narinas.

— Que bom ouvir isso — disse ela, com a voz carregada. E não, não... se ela comesse a chorar, Brennan ia desligar na hora...

— Fico tão feliz que esteja bem — continuou, fungando. — Você sabe como eu me preocupo e como o semestre passado me assustou.

Ela começou a chorar. A câmera agora mostrava o queixo dela por baixo, destacando perfeitamente o tremor do lábio inferior.

— Ah, mãe, eu... eu realmente estou bem. Este semestre vai ser diferente, eu sei disso — disse ele, recorrendo instintivamente ao mantra que vinha repetindo para si mesmo alguns dias atrás. Agora, porém, aquilo soava como uma mentira descarada.

— Eu só quero que você seja feliz e se saia bem, tá? Não conseguiria passar por algo assim de novo.

Aquela acertou Brennan como uma facada no coração. Em algum lugar da mente dele, a voz da dra. Morris dizia algo sobre pais narcisistas e emocionalmente imaturos, mas Brennan não conseguia ouvi-la. Fechou o zíper da mochila e se levantou, sentindo a necessidade de se mover, andar de um lado para o outro, correr.

— Você não precisa se preocupar com isso — disse Brennan. — Estou com tudo sob controle. Olha, eu preciso ir...

— Certo, eu também, mas você sabe que tem o meu cartão para qualquer coisa que precisar, não precisa pedir.

Ele deu apenas alguns passos antes de algo chamar sua atenção — um ponto rosa-choque na grama, ao lado da estrada.

Brennan se agachou e pegou o objeto. Um elástico de cabelo rosa. Sem etiqueta, sem marca, nada de distintivo. Mas era alguma coisa. Talvez até fosse o que a garota estava procurando. Mas por quê? O que ela queria? O que ela sabia?

— Brennan? Você me ouviu?

Ele enfiou o elástico no bolso. Problema para mais tarde. Mais perguntas para o diário.

— Não preciso de nada — garantiu Brennan.

A mãe já estava pagando seu aluguel desde que ele perdera o emprego de tutor no semestre anterior. Ele sabia que agora ela tinha dinheiro e que viviam com conforto, mas o hábito de cortar cupons e contar moedas para comprar mantimentos quando a mãe esquecia (e depois viajava para uma conferência fora da cidade sem ele) era algo difícil de abandonar.

— Você precisa comer. Café não conta. Pede um delivery por minha conta. Qualquer noite da semana. Você parece estar passando fome. Eu devo parecer uma péssima mãe.

Ela desligou, e Brennan ficou olhando para a tela de *chamada encerrada* por tempo demais.

Em sua mente, assistiu a uma apresentação de slides sobre os motivos pelos quais amava, respeitava e se orgulhava da mãe. Ela era trabalhadora, incutiu nele o valor do conhecimento e, às vezes, quando ele era criança, o tirava da

escola para fazer excursões ao zoológico, ao aquário ou à biblioteca, porque sempre dizia que a vida fora da sala de aula era tão importante quanto dentro dela.

E, com esse aviso apreciativo fora do caminho, permitiu-se mergulhar na nuvem carregada de negatividade que *realmente* sentia. Deixou que a raiva guiasse seus passos no caminho de volta para casa.

Uma das coisas que Brennan mais detestava em ter sobrevivido à tentativa de suicídio, em março, era que todo mundo queria relacionar o assunto a si mesmo. Mal tivera tempo de processar seus próprios sentimentos sobre tentar se matar antes de ter que lidar com os dos outros — a preocupação, as perguntas de “como posso ajudar?”, e o clássico “mas você está melhor agora, não é?”. Desde então, tudo o que queria era seguir em frente, mas, a cada mês que passava, as pessoas continuavam querendo ouvir que ele estava melhor, que estava *bem*.

Mas, para falar a verdade? Ele já tinha estado muito melhor.

Só que ninguém queria ouvir isso. E, para ser sincero, nem Brennan queria.

A garganta voltou ao seu estado natural de queimação intensa, e foi aí que Brennan deixou de lado toda a angústia e besteira para se concentrar em outra coisa que a mãe havia dito.

Porque ele sabia como era beber água quando, na verdade, estava com fome.

Quando tinha doze anos, teve sua primeira crise existencial e passou dias e noites entornando Gatorade e se familiarizando com todas as ideias populares sobre vida após a morte. Só percebeu que não comia havia uma semana quando desmaiou diante de trinta impiedosos colegas da sétima série, no meio da apresentação de um trabalho sobre *A Menina que Roubava Livros*.

Beber o sangue de animais era mais ou menos assim. Suficiente para acalmar a dor por um instante, mas não para fazê-la parar. E Brennan tinha uma teoria sobre o que *realmente* saciaria aquela sede.

Pior ainda, a voz da garota chorando na biblioteca ecoava em sua cabeça. Alguém tinha desaparecido mais ou menos na mesma época em que Brennan acordou e percebeu que era um vampiro. *Talvez* ele precisasse de sangue humano para viver, e *talvez* houvesse um lapso de memória, entre ser

atropelado e acordar em seu apartamento, um intervalo totalmente razoável de oito horas, tempo mais do que suficiente para cometer um assassinato.

No melhor estilo Brennan, ele cogitou o suicídio por um instante. De um jeito frio, contido e perfeitamente lógico, claro. Mas, de alguma forma, em *algum* ponto, parecia que parte da terapia tinha funcionado, porque a ideia de não estar vivo já não era tão atraente. Pelo menos, não mais do que estar... *morto-vivo*.

E só essa sensação já era algo novo. Para alguém que tentara se matar seis meses antes, “otimista” não era exatamente uma palavra que usava para se descrever, mas, nesse semestre, ele tinha estado quase esperançoso.

A culpa e a angústia eram de praxe. Mas tentar fazer algo a respeito? Ter esperança? Querer continuar lutando? Continuar *vivendo*?

Isso era algo relativamente novo para Brennan. Ele tinha acabado de recuperar essas coisas.

Arrastou-se de volta até a ponte e se sentou nela, encostando as costas nas pedras, como costumava fazer. Fechou os olhos com força. Fez oito contagens de um exercício de respiração que aprendera com os terapeutas da clínica onde ficou internado depois da tentativa. Abriu os olhos.

Enfiou a mão no bolso do casaco e tirou o diário que agora carregava consigo o tempo todo.

Se Brennan ousasse querer existir neste planeta, teria que beber sangue humano. O que significava situações moralmente questionáveis e a prática de delitos menores, coisas que ele normalmente tentava evitar.

Não podia arrastar mais ninguém para essa merda, como costumava arrastar as pessoas para seus humores ou fazer a mãe se preocupar. Esse problema era dele, e ele iria resolvê-lo sozinho. E faria fazer direito: se tivesse de ser um vampiro, seria o melhor maldito vampiro deste lado do meridiano de Greenwich.

Porque sim, é claro que ele tinha um plano.

E talvez até desse certo.